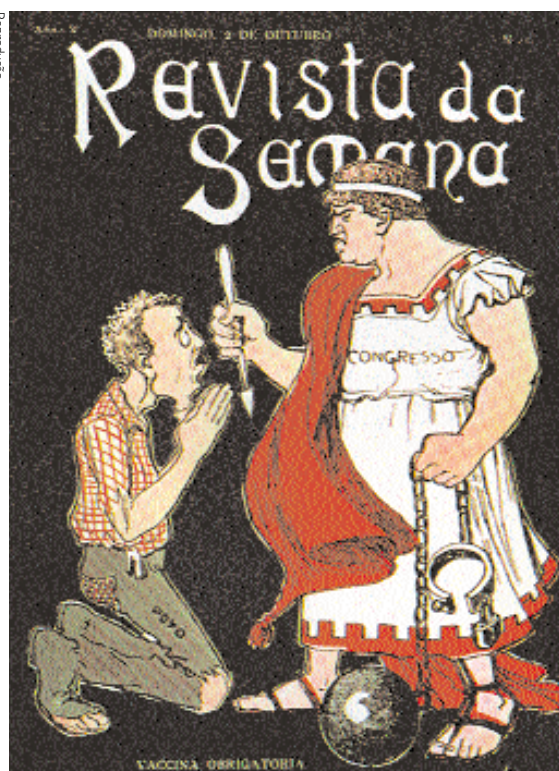


UMA REVOLTA POPULAR CONTRA A VACINAÇÃO

No início do século XX, o Rio de Janeiro já era lindo, mas a falta de saneamento básico e as péssimas condições de higiene faziam da cidade um foco de epidemias, principalmente febre amarela, varíola e peste. Estas pragas tropicais deram à capital do país o triste apelido de “túmulo de estrangeiros”. Com medidas impopulares e polêmicas, Oswaldo Cruz, além de ter sido o responsável pela estruturação da saúde pública no Brasil, foi quem saneou o Rio, apesar da oposição da mídia e da manifestação popular, que ficou conhecida como “Revolta da Vacina”.

A população da cidade revoltou-se contra o plano de saneamento, mas, sobretudo, com a remodelação urbana feita pelo presidente Rodrigues Alves (1902-1906), que decidiu modernizar a cidade e tomar medidas drásticas para combater as epidemias. Cortiços e casebres, que compunham inúmeros quarteirões dos bairros centrais, foram demolidos, e deram lugar a grandes avenidas e ao alargamento das ruas, seguindo o modelo de urbanização dos grandes bulevares parisienses. A população local foi desalojada, refugiando-se em barracos nos morros cariocas ou em bairros distantes na periferia. As favelas começaram a se expandir. Nesse cenário, há exatos cem anos, Oswaldo Cruz assumia a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), cargo que, na época, equivalia ao de ministro da

Reprodução



Caricaturas e cartazes manifestavam o sentimento da população contra a campanha de Oswaldo Cruz



Saúde. Enquanto o prefeito Pereira Passos realizava o “Bota Abaixo”, como ficou conhecida a reforma da cidade, Oswaldo Cruz transformou o Rio em um gigantesco laboratório de combate às doenças, implantando métodos revolucionários. Em 1904, a cidade foi assolada por uma epidemia de varíola. Oswaldo Cruz mandou ao Congresso uma lei que reiterava a obrigatoriedade da vacinação, já instituída em 1837, mas que nunca tinha sido cumprida. Ciente da resistência da opinião pública, montou uma campanha em moldes militares. Dividiu a cidade em distritos, criou uma polícia sanitária com poder para desinfetar casas, caçar ratos e matar mosquitos. Com a imposição da vacinação obrigatória, as brigadas sanitárias entravam nas casas e vacinavam as pessoas à força. Isso causou uma repulsa pela maneira como foi feita. A maioria da população ainda desconhecia e temia os efeitos

que a injeção de líquidos desconhecidos poderia causar no corpo das pessoas. Setores de oposição ao governo gritaram contra as medidas autoritárias. Quase toda a imprensa ficou contra Oswaldo Cruz, ridicularizando seus atos com charges e artigos.

A indignação levou ao motim popular, que explodiu em 11 de novembro de 1904, conhecido como a “Revolta da Vacina”. Carroças e bondes foram tomados e incendiados, lojas saqueadas, postes de iluminação destruídos e apedrejados. Pelotões dispararam contra a multidão. Durante uma semana, as ruas do Rio viveram uma guerra civil. Segundo a polícia, o saldo negativo foi de 23 mortos e 67 feridos, tendo sido presas 945 pessoas, das quais quase a metade foi deportada para o Acre, onde foi submetida a trabalhos forçados.

Para o historiador Sérgio Lamarão, da Universidade Federal Fluminense,

“conduzida de forma arbitrária, sem os necessários esclarecimentos à população, a campanha da vacina obrigatória canalizou um crescente descontentamento popular. Deve ser entendida como uma consequência do processo de modernização excludente concentrado, no tempo e no espaço – desencadeado pela reforma do prefeito Passos – e não, como foi considerada pelas autoridades, como uma reação explosiva da massa ignorante ao progresso e às inovações”.

Duas produções recentes abordam esse episódio. Uma delas é o filme *Sonhos tropicais*, longa-metragem de estréia do diretor paulista André Sturm ambientado no Rio de Janeiro do início do século XX. A saúde pública vem à tona na trama do filme, mostrando a precariedade de condições da cidade. Sua narrativa é baseada na obra homônima do escritor gaúcho Moacyr Scliar, que trata da biografia de Oswaldo Cruz, situando a ação do primeiro ministro da Saúde moderno do Brasil e contextualizando o momento histórico para a medicina.

O cd-rom *Circuito Mauá: Saúde, Gamboa e Santo Cristo*, dirigido por Eliane Costa, recebeu o Prix Möbius América Latina e foi finalista no Prix Möbius International des Multimédias, um dos maiores eventos multimídia do mundo, realizado na Cité des Sciences, em Paris. O cd-rom faz um passeio pela região portuária carioca, no contexto da história da cidade, e contém mais de 250 fotografias, 18 clips de vídeo, mapas, músicas e entrevistas. Traz também uma coleção de ilustrações e caricaturas encontradas em jornais do início do século XX, além de textos escritos por pesquisadores e especialistas convidados.

Mayla Yara Porto



Uma das espécies catalogadas por Wallace

Livro

GRAVURAS DE PEIXES DA AMAZÔNIA

Quando se fala em Alfred Russel Wallace, naturalista inglês que viveu no século XIX, geralmente se pensa na contribuição para a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin. Pouco se conhece de Wallace como o ótimo desenhista que foi. Esse resgate foi feito pela pesquisadora Mônica de Toledo-Piza Ragazzo em sua obra *Peixes do Rio Negro-Alfred Russel Wallace*, reunindo as belas gravuras e anotações da expedição à Amazônia, entre 1850-1852, quando o naturalista registrou 212 peixes de quase 180 espécies da região dos rios Negro e Uaupés.

O livro é fruto de uma colaboração, entre o Museu de Zoologia da USP e o Museu de História Natural de Londres, onde estão os originais de Wallace. Mônica soube da existência do material em 1995 ao fazer o levantamento bibliográfico para sua tese de doutorado.

Um artigo mencionava parte das espécies registradas por Wallace na região

amazônica, sendo que dois nomes chamaram a atenção da pesquisadora por fazerem parte do grupo de peixes que estudava, e que suspeitava serem de uma nova espécie. Em visita ao museu inglês, teve acesso às ilustrações e ficou impressionada com a qualidade e os detalhes, que facilitaram a identificação e a confirmação de que, de fato,

uma das gravuras trazia o registro de uma espécie nova. Quatro anos mais tarde, Mônica a descreveu e a batizou de *Hydrolycus wallacei*.

O livro traz ricas informações sobre os peixes e seus locais de coleta. Mônica explica que Wallace realizou, ainda, medidas de latitude e longitude com um sextante, uma bússola e um relógio, dados usados para montar um mapa preciso e detalhado dos rios Negro e Uaupés. As espécies de peixes registradas pelo naturalista ainda existem na região amazônica, que muito se alterou nesses 150 anos. “Porém, muitos dos locais por onde ele passou, principalmente o alto rio Negro e alto rio Uaupés, ainda são relativamente pouco alterados”, acrescenta. Além das gravuras, Wallace colecionou espécimes de peixes, aves, insetos e plantas que seriam vendidos na Inglaterra para financiar sua expedição. Mas um incêndio na embarcação que o levava de volta para casa destruiu todo material biológico acumulado por dois anos. As gravuras foram salvas e documentam esse período. “Com os desenhos, de valor histórico inestimável, podemos ter hoje uma idéia da diversidade de peixes observados por ele durante os anos de 1850-1852 em que esteve nos rios Negro e Uaupés”, conclui a pesquisadora.